

**AUTOLESÃO NÃO SUICÍDA (ALNS) EM PACIENTES PEDIÁTRICOS  
NEURODIVERGENTES: PRIMEIRO CONTATO E INSTRUÇÃO DE  
ACADÊMICOS DE MEDICINA  
ODS (3)**

Mateus Penina Teixeira Pienaro (Universidade de Taubaté)  
Maria Helena Ferrari (Universidade de Taubaté)  
Chiara Secioso Varejão Haddad Collard (Universidade de Taubaté)  
Paõlla Guimarães Jardim (Universidade de Taubaté)  
Larissa Miranda Mörth (Universidade de Taubaté)  
David Augusto Solano Mallorquin-Carlos (Universidade Federal do ABC)  
Kennedy Jurandy Barros da Silva (Faculdade de Medicina da Universidade  
de São Paulo)  
Thaís Tadaki (Universidade Federal do ABC)

Quando em campo, é inevitável que os voluntários do Foco na Mente que promovem acolhimento psicológico de acompanhantes de pacientes pediátricos do Hospital Municipal Universitário de Taubaté – HMUT interajam com as crianças internadas. Assistir elas também é um cuidado aos familiares, cujo bem-estar é reflexo das crianças. Contudo, há casos que exigem maior atenção, mas que também são de potencial ímpar de aprendizagem para os futuros médicos. Em especial, houve escala em que o grupo entrou em contato com uma paciente neurodivergente não-verbal, que apresentava autolesões não suicidas (ALNS). Nesse caso, o objetivo foi acolher o familiar, fornecendo espaço para sua expressão emocional e de dúvidas sobre o trato para com a criança. Assim, a psicóloga supervisora separou um reduzido número de alunos para entrar no quarto, instruindo-os sobre como se portar: retirar objetos pessoais suspensos na vestimenta, que poderiam ser puxados; usar tom de voz baixo e calmo; não fazer movimentos bruscos; não evitar contato visual mas também não sustentar o olhar longamente, de forma aversiva; permitir que o familiar guiasse a conversa com temas de seu conforto; direcionar a conversa à criança, para ela não se sentir ignorada; comunicar-se com palavras e gestos, intensificando as expressões faciais, para maior entendimento. Como resultante da experiência, o relato dos voluntários: “Na minha segunda visita, tivemos uma oportunidade de aprendizado substancial. O caso, por si só delicado, apresentava um contexto potencializador, que servia como um dos gatilhos para as autolesões. Durante o momento da visita, buscamos ajudar o avô a compreender possíveis gatilhos. Após, passamos a voltar nossos olhares à menina. Falamos bastante, brincamos e rimos. Acredito que esse caso foi essencial para que compreendêssemos como é o manejo do contato com

crianças neurodivergentes com ALNS, mostrando-nos a importância de uma presença com sensibilidade, acolhimento, não julgamento e conhecimento técnico”. Os participantes revelaram ter sentido receio pelo risco físico, mas que “depois de vermos ela brincando com a psicóloga, vimos que ela é apenas uma criança”. Nesse momento, eles estabeleceram vínculo com ela, através de toques na mão e do interesse dela pelas unhas coloridas das voluntárias. A supervisora também demonstrou como fornecer orientações para a criança regular sua força, evitando machucar quem ela tocava. Durante o contato com o responsável, os acadêmicos seguiram as orientações e cuidados adequados, identificando repetições temáticas nas falas, resistência ao diagnóstico médico e padrões de comportamento em ambos — paciente e responsável. Observou-se que a criança acompanhava a conversa, reagindo de forma distinta a cada assunto. Ao final, os voluntários orientaram o familiar sobre esses padrões e maneiras de evitar possíveis gatilhos de autolesão. Assim, destaca-se que a vivência de estudantes de Medicina com pacientes pediátricos neurodivergentes é fundamental para o desenvolvimento pessoal e profissional, promovendo empatia, escuta sensível e formação humanizada, além de preparar o futuro médico para lidar com diferentes contextos clínicos e familiares, fortalecendo sua capacidade de compreender e acolher as diversas necessidades emocionais e comportamentais dos pacientes.

**Palavras-chave:** Pacientes pediátricos; Neurodivergência; Autolesão não suicida; Pacientes não verbais.